

# ORALIDADE NO ESPAÇO ACADÊMICO

*Data de aceite: 03/04/2023*

### **Soeli Staub Zembruski**

Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutora pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Mestrado em Práticas Transculturais da FACVEST  
Lages, Santa Catarina, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-3079-4177>

### **Adelcio Machado dos Santos**

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela UFSC. Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC. Docente, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP)  
Caçador, SC, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

**RESUMO:** O presente artigo se constitui como sequência do estudo denominado: O olhar da Pesquisadora sobre sua Trajetória Intelectual, no qual são apresentadas as primeiras considerações sobre o processo de formação de identidade linguística da pesquisadora e que se desdobram na análise das manifestações orais tanto da docente quanto dos estudantes de uma

turma de mestrado na cidade de Lages, no estado de Santa Catarina. Com o objetivo de melhor compreender os mais diversos aspectos que compõem a comunicação oral, destacadamente no espaço acadêmico. Para responder a estas questões, realizou-se uma análise de material de gravação de aulas síncronas ofertadas durante o período pandêmico em 2020. Também se realizou pesquisa por meio de formulário google para conhecer a percepção dos estudantes em relação à comunicação oral em diferentes ambientes, de modo especial o acadêmico. Os participantes foram 22 estudantes com diferentes perfis profissionais e faixa etária de maioria entre 25 e 50 anos (apenas 01 respondente afirma ter mais de 50 anos). Os resultados revelam que a professora manteve marcas linguísticas de sua infância e adolescência e também que os estudantes, embora admitam a riqueza cultural das variações linguísticas e o uso de expressões coloquiais durante as aulas, consideram a norma culta o padrão linguístico mais apropriado a ser empregado no espaço acadêmico. Espera-se que tais resultados e reflexões contribuam para que ocorram mais investigações acerca do lugar da fala e da espontaneidade no espaço acadêmico, bem como reflexões sobre a

centralidade do professor nas aulas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa. Oralidade. Academia.

## ORALITY IN THE ACADEMIC SPACE

**ABSTRACT:** The present article is a sequence of the study entitled: The Look of the Researcher on her Intellectual Trajectory, in which the first considerations about the process of linguistic identity formation of the researcher are presented and which unfold in the analysis of the oral manifestations of both the teacher and the students of a master's degree class in the city of Lages, in the state of Santa Catarina. The goal is to better understand the various aspects that make up oral communication, especially in the academic space. To answer these questions, an analysis of recording material from synchronous classes offered during the pandemic period in 2020 was carried out. A survey was also conducted using a Google form to find out the students' perception of oral communication in different environments, especially the academic environment. The participants were 22 students with different professional profiles and age range of majority between 25 and 50 years old (only 01 respondent claims to be over 50 years old). The results reveal that the teacher kept linguistic marks from her childhood and adolescence, and also that the students, although they admit the cultural richness of the linguistic variations and the use of colloquial expressions during the classes, consider the official language rule as the most appropriate linguistic standard to be used in the academic space. It is hoped that these results and reflections will contribute to further research on the place of speech and spontaneity in the academic space, as well as reflections on the centrality of the teacher in the classroom.

**KEYWORDS:** Research. Orality. Academia.

## INTRODUÇÃO

Ao estabelecer uma relação social o homem expressa suas ideias, pensamentos e conceitos através, invariavelmente, da linguagem oral. A oralidade, quando estabelecida entre os atores sociais, é a concretude da conservação e fixação do pensamento transmitido. Esta relação também é estabelecida na academia entre educadores e educandos. (SANTOS; TIMBANE, 2020).

A oralidade permite o desenvolvimento do sistema ensino aprendizagem com utilização do diálogo durante a discussão de princípios, fundamentos e objetivos das inúmeras disciplinas acadêmicas. Permite a aproximação e o conhecimento cultural, social, linguístico e de identidade dos diversos sujeitos envolvidos nas atividades. (SANTOS; TIMBANE, 2020).

No Brasil, o ensino da língua portuguesa se inicia no século XIX, estabelecendo a oralidade como objeto do componente curricular, além de delimitar o ensino com base em saberes e o uso da palavra de ensinar aos educandos a arte da elocução, oratória e eloquência, reflexo dos que cultivavam as belas artes, as obras literárias e o clássico. (NONATO, 2019).

No século XX, o processo da globalização encaminham educandos e educadores a participarem de um contexto onde a oralidade ganha força. A capacidade de se expressar em público e pela *internet* assume um diferencial na vida profissional e pessoal. Independente, da metodologia escolhida pelo educador para o desenvolvimento de conteúdos em sala de aula ou no preparo de seminários, palestras, círculos de discussão, entre outros, elaborados por educandos, a fala sempre marca sua presença. (OLIVEIRA; DIAS, 2021).

A escola/academia do século XXI, deve prover educandos com ferramentas exitosas para o desenvolvimento de suas atividades após o término de cada fase/curso, entre essas ferramentas está a oralidade. (OLIVEIRA; DIAS, 2021).

A pesquisa sobre o lugar da fala no espaço acadêmico e que teve início com o propósito da observação de diferentes padrões linguísticos, caracterizados pelas diferentes peculiaridades de um grupo muito heterogêneo, levou a caminhos um tanto diversos como o olhar sobre a identidade linguística da professora. E a partir disso, ao papel didático do professor, tradicionalmente empregado nas aulas explicativas e por decorrência, ao questionamento das estratégias metodológicas. Mas, foi na análise das respostas de 22 educandos de mestrado, acerca da comunicação oral, das variações linguísticas e sua adequação ao espaço acadêmico que detivemos o presente estudo.

A formulação do projeto após a realização das aulas foi importante no sentido de garantir a autenticidade das manifestações observadas nas gravações e no *chat*. As respostas ao questionário, por sua vez, se deram após o encerramento da disciplina cuja ementa aborda questões relativas à oralidade, variações e preconceito linguístico. Tais questões foram, na verdade, propulsoras da pesquisa que aqui apresentamos.

## **METODOLOGIA**

Este é um trabalho de investigação exploratória acerca do uso da linguagem oral no espaço acadêmico, cuja pesquisa caracteriza-se como qualitativa.

A pesquisa qualitativa é muito utilizada na área das Ciências Humanas para o estudo dos fenômenos sociais e o comportamento, alguns estudiosos definem com a pesquisa do estudo da cultura. O pesquisador é o instrumento mestre da pesquisa, a realidade o ambiente de estudo e local onde os dados se encontram. Já o estudo exploratório pode ser entendido como um estudo compreensivo e para testagem de hipóteses. (LARA; MOLINA, 2011).

Já a pesquisa exploratória busca respostas as facetas da pesquisa qualitativa, em nosso estudo é reconhecer os educandos/sujeitos de estudo como uma população rica em aprendizado, conhecimento, valores e atitude. Então cabe ao estudo exploratório levantar e conhecer as facetas que precisam ser abordadas e contornadas, para ampliação do conhecimento. (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Nesse estudo, para seu desenvolvimento, parte-se do questionamentos: Como se

desenvolve a oralidade no espaço acadêmico?

A pesquisa busca identificar e discutir determinados comportamentos linguísticos/sociais a partir de dados fornecidos por uma das autoras, como professora, bem como dos mestrandos, que frequentaram a disciplina Oralidade, Identidade e memória ofertada no primeiro semestre de 2020, do curso de Práticas Transculturais do Centro Universitário UNIFACVEST, localizado na cidade de Lages, em Santa Catarina.

Da turma composta por 25 estudantes, 22 responderam espontaneamente às questões da pesquisa constante no projeto aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa CEP- FACVEST sob o número 45235521.1.0000.5616. A partir do qual, um questionário foi enviado ao grupo por *e-mail*. A referida turma foi selecionada devido à sua diversidade, por ser composta por adultos que exercem funções profissionais bastante diversas entre si e também por seus participantes frequentarem um período considerável de convivência no espaço acadêmico.

As observações iniciais e o questionário enviado aos estudantes buscam investigar as concepções linguísticas e sociais fornecidas pelos mestrandos em comparação ao uso que os mesmos fazem da linguagem durante as aulas da disciplina, cujas gravações são a fonte de exemplos práticos do emprego da linguagem oral no espaço acadêmico.

Um aspecto relevante em relação à disciplina é que a mesma ocorreu em meio a transição do formato presencial para o remoto, devido a pandemia da Covid-19, sendo que dois encontros aconteceram de forma presencial e os demais em atividades síncronas mediadas por plataformas digitais como o *zoom*, *google meet* e *google classroom*.

Da carga horária geral da disciplina, cerca de 25% se deram de forma presencial, sendo que o restante utilizou os meios digitais para comunicação. Como o período inicial foi de aprendizagem e adaptação, inclusive por parte da professora, sobre a utilização e manuseio dos novos meios, somente a partir do quarto encontro, ou seja, da metade do curso, as aulas passaram a ser gravadas e constituem o material de análise dessa pesquisa.

Cabe ressaltar que a metodologia empregada nas aulas precisou ser totalmente adaptada. A partir de um plano de curso elaborado para a modalidade presencial, mediado, principalmente pela interação, debates e atividades, em que a expressão oral acompanhada da comunicação não verbal tiveram de ser apresentados por meios digitais de videoconferências.

No novo modelo, o sistema de comunicação é influenciado pela alternância da fala e limitação de recursos não verbais. A dinâmica do diálogo passa a ser coordenada pela ferramenta de levantar a mão por meio de comando eletrônico e raras interações escritas pelo *chat*, o que elimina a espontaneidade com que essa interação se aconteceria em uma aula presencial, pois acompanhada dos recursos não verbais, a interação se dá também pela troca de olhares e manifestações gestuais, ampliando, consideravelmente os recursos comunicativos disponíveis, tanto para falantes como para ouvintes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados se dá a partir das respostas geradas para esta pesquisa e da transcrição de trechos das falas durante aulas síncronas, nas quais tanto a educanda como os educandos realizam a prática de comunicação oral no espaço acadêmico.

O foco na observação da oralidade empregada nas aulas, nos leva a perceber as particularidades em relação a fala da educadora que, embora proponha a interação dos educandos a qualquer tempo e nas exposições programadas, ocupa o maior tempo das aulas. Tal aspecto, certamente rende assunto para discussões mais aprofundadas sobre o lugar da fala nas salas de aula, o papel do educador nessa dinâmica, bem como, as mudanças de canal comunicativo que passa a ser digital e sua influência sobre a comunicação que serão, apropriadamente, abordados em trabalhos futuros. (MOREIRA, 2022).

Para o momento, o objeto do presente estudo se detém na observação da fala dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem verificada durante as aulas gravadas, suas transcrições e também no *chat* desses encontros e suas respostas ao questionário de pesquisa. O material constitui uma fonte interessante para a análise linguística e observação do uso que fazem da linguagem no espaço acadêmico.

Como parâmetro para uma observação preliminar, verificamos se há ocorrência de utilização dos termos destacados na pesquisa de Barba e Oliveira (2004), no que se refere aos dados comparativos entre os informantes dos municípios de São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, *versus* São José do Cedro e Itapiranga, no estado de Santa Catarina, na área da morfossintática. As variações linguísticas não devem ser encaradas como um problema a ser resolvido pelo educador, pelo contrário, precisam ser valorizadas e reconhecidas como valores culturais, pois fazem parte da herança da identidade de uma comunidade. (SILVA *et al.*, 2020).

Dessa maneira, buscamos evidenciar a presença, ou não, de marcas características daquelas comunidades linguísticas as quais fizeram parte da infância e adolescência da professora. Para tanto, foram revisitadas todas as 8:51:07 de gravação do *chat* da plataforma *google meet*. A partir disso, destacamos duas ocorrências de variações linguísticas comuns à comunidade linguística da infância e adolescência da pesquisadora, sendo elas:

1. No *chat* do Seminário II, a professora utiliza sujeito no singular e verbo no plural: "Tenho certeza de que *a memória* que eles terão disso *serão* diferentes das que eu tenho e também diferente das dos meus pais." (59:46.788 da transcrição do *chat*);
2. Durante a aula sobre Literatura Oral Brasileira, enquanto fala sobre as origens da literatura da Língua Portuguesa, emprega o sujeito no singular e verbo no plural: "Os primeiros *registros chamado*: cantigas de amor, cantigas de amigo e cantigas de maldizer". (39'53") da gravação.

As amostras apresentadas, embora restritas, evidenciam que traços do vocabulário

e dialeto empregados na infância da educadora estão mantidos na fase adulta, ainda que em ambiente acadêmico e função docente, os quais, costumeiramente, direcionam para a utilização do padrão culto da língua. Tal constatação é relevante, porque o projeto de pesquisa foi pensado após as gravações, de modo, que a fala empregada durante as aulas ocorreu espontaneamente permitindo a naturalidade da comunicação que, naquele momento, pretendia apenas desempenhar a função de comunicação entre a educadora e os educandos, a respeito do tema abordado na aula sobre a literatura de cordel. No estudo de Comiotto (2021), ao analisar fontes secundárias, a autora identifica que ao utilizar o vocabulário da infância, os entrevistados expressam o vocabulário e a fala do aconchego, utilizando-o de forma espontânea e naturalmente. Não existe qualquer preocupação de perpetuação da oralidade de origem da infância por parte dos entrevistados.

Outro aspecto relevante é considerar a maturidade linguística que permite a escolha consciente do padrão de linguagem a ser empregado naquele contexto. A partir, dessa constatação, podemos inferir que características da linguagem empregada na infância e adolescência permanecem nas formas de comunicação adulta, a despeito da educação escolarização e mudança de contexto. (ESPERANÇA, 2019).

O dado nos leva a refletir sobre o papel da escolarização na mudança de padrões linguísticos. É certo que a aquisição da língua, bem como o seu uso cotidiano em circunstâncias informais desempenham grande influência nas habilidades linguísticas de um falante. Deve-se levar em conta, que a habilidade de se expressar em uma língua está relacionada as relações desenvolvidas no contexto social, histórico e cultural em sua realidade. (ESPERANÇA, 2019).

Em um cenário sociocultural de desigualdades econômicas, a conquista de qualidade de vida e o empoderamento pessoal e profissional passam pela habilidade de utilizar a linguagem a seu favor. O indivíduo com maior conhecimento e habilidades linguísticas desenvolvidas está mais preparado para interagir de maneira eficaz em diferentes contextos, desse modo terá menor probabilidade de prejuízos pelo uso inadequado da linguagem. Sabe-se que o conhecimento sobre os diferentes padrões, níveis e variação linguística possibilita a escolha adequada das formas a serem empregadas, além de promover o respeito pelas diferenças e a compreensão de que não há língua melhor ou pior. Tal consciência tem o potencial de contribuir com o relacionamento entre indivíduos e grupos sociais de modo a evitar preconceitos e discriminações relacionadas ao uso da linguagem. (JORNADA, 2021).

Embora a pesquisa inicial tenha buscado, em sua origem, identificar características de regionalizações e espontaneidade da linguagem oral do grupo, o resultado evidencia o predomínio da norma culta, com poucas variações regionais, da língua portuguesa tanto para a educadora como para os educandos da disciplina. Assim como na fala da educadora, observa-se nas gravações que os educandos também usaram o padrão formal da língua na maior parte do tempo das aulas, o que fica também evidenciado, quando analisadas as

respostas do questionário aplicado com os educandos.

A análise dos dados representa a interpretação dessas respostas e visa maior entendimento sobre o tema por parte da pesquisadora. Inicialmente, solicitou-se a concordância em participar do estudo de todos os envolvidos, mas a resposta foi afirmativa por parte da educadora e somente 22(88%) dos educandos na disciplina ministrada. Em seguida, houve a identificação dos educandos para que, se necessário, pudéssemos relacionar as falas da gravação das aulas com as respostas que tratam de concepções acerca do uso da linguagem no espaço acadêmico.

A respeito do questionário propriamente dito, a primeira pergunta fornece a faixa etária dos participantes. Sendo que sua maioria, 10(45.5%) educandos se encontra na faixa etária entre 30 a 40 anos; 6(27,3%) entre 20 a 30 anos; 4(18, 2%) entre 40 a 50 anos, e 2(9,1%) acima de 50 anos de idade. Tais dados são importantes no sentido de identificar a influência da linguagem informal utilizada na comunidade de origem dos educandos, uma vez que sabemos que o uso da linguagem se caracteriza por grupos, os quais são caracterizados por Guy (2000) como unidade social e ferramenta de estudo linguístico:

"Essa unidade social é a comunidade de fala, que tem funções na teoria da sociolinguística. Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes." (GUY, 2000, p. 18).

Em relação ao grupo analisado, busca-se a identificação da ocorrência ou não de indícios que identifiquem a variação linguística em decorrência da faixa etária dos educandos. Também, observa-se que a definição de Guy (2000), corrobora com o posicionamento de Labov (1972).

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo de uso dos elementos da linguagem, e sim pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Tais normas, podem ser observadas em demonstrações de comportamentos observáveis, e pela uniformidade de modelos abstratos de variação, os quais são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p. 120- 121). [tradução da pesquisadora] .<sup>1</sup>

Também, nesse mesmo sentido, a questão seguinte ilustra a origem geográfica dos participantes, cuja imensa maioria pertence à região Sul do Brasil, num total de 21(95,4%) educandos contando apenas com 1(4,5%) representante da região Sudeste. Os primeiros dados ilustram de que tratamos de um grupo de estudantes brasileiros oriundos predominantemente da região Sul e Sudeste do Brasil. Assim, o processo migratório da região de origem dos educandos reflete na linguística como essência da linguagem e no processo comunicativo encontrado nos dados do estudo. (ALVES *et al.*, 2022).

---

<sup>1</sup> "The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage." (LABOV, 1972). [texto original].

Na sequência, buscamos conhecer a formação profissional dos educandos. No entanto, como a questão foi aberta, tivemos diferentes entendimentos quanto ao que se solicitava. Sendo que, ocorreu uma resposta com apenas “completo”, outra “especialização” e as demais citam suas respectivas profissões, sendo 06 pedagogos, 03 bacharéis em direito, 01 psicóloga, 02 engenheiros civis, 01 professora de História e Geografia, 01 dentista, 01 engenheiro químico, 01 cientista social também com formação em pedagogia, 02 contadores, 01 fisioterapeuta e 01 professor de Física/Biologia e com formação também em pedagogia. O painel ilustra bem a diversidade de formação e também o nível acadêmico dos participantes.

Quando perguntados sobre o vocabulário e os fatores que mais influenciam a forma como se comunicam oralmente, tendo como opções: a) convívio informal com familiares e amigos, b) escolaridade e convívio acadêmico e c) leituras e mídias digitais. O fator apontado como maior influenciador foi a escolaridade e o convívio acadêmico, seguido das leituras e mídias digitais, e por último o convívio familiar e com amigos.

O resultado aponta para a concepção de que o espaço acadêmico/escolar é decisivo para a forma e escolha dos mesmos utilizarem a linguagem. (BARBOSA *et al.*, 2019). É possível reconhecer na resposta indícios de que os estudantes percebem que seu convívio em ambiente com vocabulário mais formal, ainda que nos livros e textos apresentados como “corretos”, norteia sua perspectiva do que seria o uso apropriado da linguagem culta.

Quando perguntados sobre as peculiaridades linguísticas do país e os diferentes usos que os educandos fazem do próprio idioma, o questionário apresenta as seguintes alternativas como resposta: (a) As pessoas que não utilizam o padrão culto da língua tem menor capacidade intelectual do que os que utilizam a norma culta; (b) As variações linguísticas são uma amostra da riqueza e diversidade cultural de nosso país, porém devem ser empregadas apenas em espaços informais; (c) Essas variações linguísticas são um problema para a comunicação porque dificultam o entendimento da mensagem; (d) As variações linguísticas são naturais e demonstram a diversidade cultural de nosso país devendo ocupar cada vez mais espaço em lugares formais e de destaque em nossa sociedade. As respostas evidenciam que embora, por uma pequena diferença percentual, a maioria dos estudantes considera que as variações linguísticas devam ficar na informalidade. Pois, 12(54,5%) dos educandos acreditam que as variações linguísticas devam ficar restritas à informalidade e 10(45,5%) dos respondentes consideram as variações linguísticas naturais e reconhecem que seu uso merece ganhar mais espaço e destaque. As outras opções não foram selecionadas por nenhum participante. No estudo de é analisado livros didáticos do Ensino Fundamental. Os resultados apontam que a linguagem informal pode ser utilizada e mencionada desde que com tratamentos e em situações adequadas. As concordâncias verbal e nominal, o uso da ortografia e as regências nominal e verbal são imprescindíveis nos textos redigidos. (SANTOS; ECKERT, 2021).

Os dados aqui coletados refletem uma discussão linguística que vem ganhando

espaço no país, por meio das manifestações artísticas e sociais que reivindicam o protagonismo regionalista, interiorano ou minoritário de algumas comunidades. Nesse sentido, observamos movimentos de valorização popular como o iniciado com o Pré-modernismo e Modernismo no Brasil no início do século XX. Naquele tempo, poetas como Oswald de Andrade e seu poema Pronominais (1925) já anunciavam as diferentes concepções de linguagem e escancaram a distância entre a linguagem idealizada e normatizada e aquela usada pelo povo. (BICHINSKI, 2019).

A relação entre a formalidade e o uso são questões de debate a serem abordadas em outro trabalho, no entanto não podem deixar de ser mencionados brevemente, uma vez que são tema central dessa análise.

Outra pergunta feita aos educandos é referente ao modo como utilizam a Língua Portuguesa para sua comunicação no espaço acadêmico em relação à frequência da utilização da fala, escrita e da linguagem não verbal. As respostas deram conta de que a fala seja a forma mais usada para comunicação sendo a opção mais escolhida por 13(59,09%) educandos. A escrita é a segunda opção para comunicação de 8(36,36%) respondentes e a linguagem não verbal é citada como mais utilizada por apenas 1(4,54%) educando.

Essa constatação é bastante lógica para o modelo pedagógico com o qual estamos acostumados, no qual a apresentação do tema é feita oralmente pelo educador que, também, estimula a fala dos educadores com perguntas e provocações. (ABRAHÃO; BRAGANÇA, 2020). À escrita, costuma ser delegada em função de anotações individuais e resolução de atividades para memorização dos conceitos. A percepção da aula dessa turma, se confirma também no modelo remoto gravado para esse estudo.

É certo que a leitura dos materiais indicados, as anotações particulares, preparação do material a ser apresentado pelos educandos, inclui também outras formas de comunicação. No entanto, avaliando todo o conteúdo da gravação, percebemos que não foi destinado tempo da aula para escrita, apenas estimulada como atividade complementar ao enviar *feedback* à professora por meio de comentários na sala de aula virtual (*classroom*) e no estímulo à produção de artigos e outros trabalhos acadêmicos. A didática, aqui empregada, prioriza o tempo da comunicação pela troca de informações, pela interação e reserva à escrita um papel de menor interação e mais de registro. A educadora, articula a comunicação como marca da relação entre ela e seus educadores, assim se reconhece também como aprendiz no processo ensino-aprendizagem. (ABRAHÃO; BRAGANÇA, 2020).

Na sequência da pesquisa, a pergunta quanto ao emprego da linguagem nas situações corriqueiras do dia-a-dia, questiona os educandos sobre os cuidados relacionados ao emprego da norma culta. Os resultados indicam que 20(90,9%) dos respondentes manifestam a vontade de utilizar o padrão culto da Língua Portuguesa, mas admitem que muitas vezes fazem uso de formas coloquiais em situações cotidianas. Enquanto isso, 1(4,5%) educando responde ter a preocupação em sempre utilizar a norma culta e apenas

1(4,5%) relata que nunca se preocupa com a norma formal ao comunicar-se em situações informais. O resultado denota o comportamento do educando, reconhecendo a importância do uso da norma culta, mas que também percebe que a convivência familiar e as situações mais corriqueiras não estão mais relacionadas a um tipo de linguagem variável, pois implica no relacionamento com grupos distintos em relação à escolaridade e as comunidades linguísticas distintas. (SOUZA *et al.*, 2019).

A próxima pergunta é sobre o uso das variantes linguísticas no espaço acadêmico serem apropriadas ou não. Para essa pergunta tivemos um total de 16(71,4%) dos respondentes optando pela alternativa que considera a importância da valorização da diversidade e o respeito às diferentes bagagens culturais e 6(28,6%) que acreditam que o espaço acadêmico deve ser reservado ao uso da forma padrão da língua. Esse resultado é interessante, pois mostra uma contradição quando confrontado com a questão apresentada a seguir na qual os respondentes evidenciam seu propósito em usar a língua culta ao máximo possível no espaço acadêmico.

Ao serem perguntados sobre sua preocupação com o emprego da variante culta no espaço acadêmico, as respostas indicaram que 19(86,4%) respondentes procuram empregar o padrão culto da linguagem, mas admitem muitas vezes fazer uso das variantes linguísticas. Os demais 3(13,6%) afirmam sempre fazer uso do padrão culto por considerá-lo mais apropriado ao contexto. Essa resposta reafirma a concepção dos mestrandos de que a linguagem apropriada a ser usada nas aulas e atividades acadêmicas é o padrão culto da língua, revela porém, a constatação de que muitas vezes os usuários do idioma expressam-se também em formas coloquiais. (SOUZA *et al.*, 2019).

A última pergunta é referente a como os respondentes veem a comunicação oral no espaço acadêmico. Nesse sentido, os dados mostram que 17(81,8%) dos participantes consideram o protagonismo do emissor em avaliar o contexto e a melhor estratégia para a comunicação (opção c) e 5(9,1%) para opções a e b. Essas respostas indicam mais uma vez a consciência do grupo em relação ao contexto e ao papel importante do emissor em observar as circunstâncias e fazer opções de linguagem apropriadas. (SOUZA *et al.*, 2019).

É certo que esse comportamento exhibe a importância da maturidade e proficiência linguística que buscamos desenvolver ao longo de nossa vida e que talvez seja o maior desafio de educadores e de pais que buscam incentivar o desenvolvimento social e comunicativo de jovens estudantes cuja identidade linguística está em formação. Nesse sentido, o incentivo à leitura, embora seja clichê, não perde sua importância, tendo em vista que a partir do contato com diferentes discursos forma-se o repertório e a noção de contexto de adequação. (MAURO; PEREIRA, 2020).

Considerando que os caminhos previstos no início desse projeto conduziram a outras direções, precisamos ressaltar a importância da flexibilidade da pesquisa diante dos fatos emergentes e imprevistos. Pois, partindo do objetivo inicial de observar comunidades de fala de um grupo de estudantes, a educadora/pesquisadora acaba por encontrar a si mesma

como objeto e sujeito da pesquisa. O desdobramento é particularmente enriquecedor, pois ao mesmo tempo em que oportuniza um olhar mais atento sobre a formação da identidade linguística, conduz a reflexões sobre a prática pedagógica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do projeto e das reflexões proporcionadas pela análise dos dados, é fundamental adicionar que a oportunidade de pensar sobre o falante é infinitamente desafiadora na medida em que se trata de um campo muito variável e imprevisível.

No entanto, sendo esse o usuário da língua viva e correntemente empregada na comunicação, não poderíamos escolher melhor objeto de observação para tentar compreender os meandros da comunicação oral. E também que diante dos arquivos gerados pelas gravações de aulas, debates e seminários *online*, passamos a contar com farto material de coleta e análise permitindo melhor compreensão dos fenômenos linguísticos e os fatores relacionados a ele.

O Novo contexto das comunicações humanas possibilita e exige tal reflexão, pois o entendimento sempre foi o caminho para harmonização e não é diferente no que tange a linguagem. Certamente, se compreendermos melhor as diferentes formas de expressão, conheceremos melhor os pensamentos e posições dos demais e, desse modo, teremos mais chances de compreender as atitudes e, talvez, dessa forma possamos desenvolver mais empatia e respeito pelas diferenças.

Além de tudo isso, a revisitação das aulas ministradas, bem como a interação entre os agentes envolvidos, demonstra a relevância da comunicação assertiva como ferramenta e método de ensino. A mudança de cenário e de canais de comunicação proporciona uma avaliação delicada sobre a centralidade da fala do educador na maior parte das aulas analisadas promovendo questionamentos sobre a metodologia empregada em aula e também, sobre o papel do educando que, embora seja incentivado por perguntas e oferecimentos de espaço para comentários, muitas vezes se mantém em cômodo silêncio.

Enfim, esse estudo não se encontra acabado. Pretende-se novos desdobramentos sobre os aspectos relacionados à didática da abordagem empregada nas referidas aulas em relação à metodologia ativa e também, estudo aprofundado sobre os grupos linguísticos que constituem a turma em questão, assim como novos grupos de educandos que aceitem participar do estudo. Seguiremos buscando ampliar a compreensão do processo comunicativo, especialmente, em relação ao meio acadêmico e à expressão oral.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. B.; BRAGANÇA, I. F. S. Histórias de vida de educadores/as sociais em pesquisa narrativa (auto) biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 5, n. 13, p. 16-23, 2020.

ALVES, R. V.; PEREIRA, H. B.; FRANCO, N. Traços da história do gênero discursivo infográfico no jornalismo impresso no Sul e Sudeste do Brasil: entre conservação e evolução. **SciELO Preprints**, versão 1, p. 1-29, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4584>. Acesso em: 7 nov. 2022.

BARBA, M. T.; OLIVEIRA, G. A. A variação linguística no Extremo Oeste. In: ENCONTRO DO CESUL CÍRCULO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 6., 3 a 5 nov. 2004, Florianópolis. **Anais eletrônico** [...]. Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/Coordenadas/A%20VARIA%C3%87%C3%83O%20LING%C3%9C%C3%8DSTICA%20NO%20EXTREMO-OESTE.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Coordenadas/A%20VARIA%C3%87%C3%83O%20LING%C3%9C%C3%8DSTICA%20NO%20EXTREMO-OESTE.pdf). Acesso em: 19 ago. 2022.

BARBOSA, I. V.; ROEPKE, J. L.; KOERNER, R. M. Práticas de letramentos em escrita acadêmica-científica com literatura. **Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 13, n. 3, p. 445-464, 2019. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/9397>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BICHINSKI, I. C. **Um Leminski antropófago**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) □ Departamento de Estudos da Linguagem, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2960/1/Isabel%20Cristina%20Bichinski.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2022.

COMIOTTO, A. F. O ensino de línguas minoritárias: uma revisão de literatura sobre o talian. **UniLetras**, v. 43, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/18347>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ESPERANÇA, J. A. Infâncias, consumo e educação: histórias contadas por crianças na escola. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 45, p. 77-99, 2019. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/2306>. Acesso em: 7 nov. 2022.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões da variação linguística. **Organon**, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194/18703>. Acesso em: 29 abr. 2022.

JORNADA, E. T. F. A covid e as demandas estratégicas de políticas públicas educacionais de zona fronteiriça. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 1, p. 70-92, 2021. Disponível em: <https://ceeinter.com.br/ojs3/index.php/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/36/36>. Acesso em: 7 nov. 2022.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARA, A. M. B.; MOLINA, A. A. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. v. 1. Maringá: Eduem, 2011.

MAURO, A. C. J.; PEREIRA, H. B. C. Literatura Distópica e o Incentivo à Leitura. **Terceira Margem**, v. 24, n. 44, p. 167-186, 2020.

MOREIRA, L. C. Formação docente no ensino médio: melhorias no processo de escolarização em virtude da performance comunicativa do educador. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 10, p. 99-114, 2022.

NONATO, S. Oralidade, ensino de língua portuguesa e formação do professor. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, p. 49-68, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/rblla/a/GNQBXXVbQj5rmyZSN5hyCyK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2022.

OLIVEIRA, M. D.; DIAS, S. M. V. 77. Diversidade linguística e a obra de Manuel Bandeira: oralidade e perspectivas pedagógicas. **Revista Philologus**, v. 27, n. 81 Supl., p. 1003-20, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/943>. Acesso em: 19 ago. 2022.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de saúde pública**, v. 29, p. 318-325, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/rsp/a/ffF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?fo>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SANTOS, I. S.; TIMBANE, A. A. **A identidade linguística brasileira e portuguesa: duas pátrias, uma mesma língua?** 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, A. I.; ECKERT, K. Análise da presença da variação linguística em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental. **Revista Signos**, v. 42, n. 2, p. 89-109, 2021. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2882>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SILVA, F. F. F. L.; ESPÍNDOLA, L. D.; SOUZA, S.; LEBLER, C. D. C. **O estágio supervisionado e a pandemia: relato de experiência de alunos de Graduação em Letras Português da Universidade Federal De Santa Catarina.** **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 6, p. 415-432, 2021. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/1383>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SOUZA, J. C.; SILVA, P. C. D.; SHITSUKA, R.; BRITO, M. L. A.; SHITSUKA, D. M. Comunicação dos millennials e uso do “tipo”: estudo linguístico da incidência dos vícios de linguagem oral entre discursos de universitários. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 6, p. e41861044, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662197041/560662197041.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.